

Noções de leitura do/ no bookstagram: processos de identificação no perfil @litomandocha

Natália de Lima Ferreira Papais*

<https://orcid.org/0000-0002-9552-3415>

Resumo: O artigo analisa como a noção de leitura funciona em bookstagram, perfis do Instagram dedicados a compartilhar registros de leituras. Fundamentado na Análise do Discurso materialista, especialmente em Pêcheux (1953,1983) e Orlandi (1999,2000), investiga-se a leitura literária em ambientes digitais. A partir de postagens do perfil “Li Tomando Chá”, observa-se que as noções de leitura atuam de modos diversos: ora pela identificação com narrativas e temas sociais das obras, ora pelo tensionamento com a lógica capitalista que transforma a leitura em consumo utilitário de produtos literários.

Palavras-chave: Análise do discurso. Insta gram. Leitura.

Notions of reading from/on bookstagram: identification processes in the
@litomandocha profile

Abstract: The article analyzes how the notion of reading operates in bookstagram—Instagram profiles dedicated to sharing reading practices. Grounded in Materialist Discourse Analysis, particularly in Pêcheux (1953, 1983) and Orlandi (1999, 2000), it investigates literary reading in digital environments. Based on posts from the profile *Li Tomando Chá*, the study observes that notions of reading function in multiple ways: at times through identification with the narratives and social themes of the works, and at others through tensions with the capitalist logic that turns reading into the utilitarian consumption of literary products.

Keywords: Discourse analysis. Instagram. Reading.

Nociones de lectura del/en el bookstagram: procesos de identificación en
el perfil @litomandocha

Resumen: El artículo analiza cómo funciona la noción de lectura en los *bookstagram*, perfiles de Instagram dedicados a compartir prácticas lectoras. Basado en el Análisis del Discurso Materialista, especialmente en Pêcheux (1953, 1983) y Orlandi (1999, 2000), investiga la lectura literaria en entornos digitales. A partir de publicaciones del perfil *Li Tomando Chá*, se observa que las nociones de lectura actúan de diversas maneras: ya sea mediante la identificación con

* Universidade Federal de Pernambuco. Mestranda em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE. Graduada em Letras – Português (Licenciatura) também pela UFPE. E-mail: papaisnatalia@gmail.com.



las narrativas y los temas sociales de las obras, o mediante el tensionamiento con la lógica capitalista que transforma la lectura en un consumo utilitario de productos literarios.

Palabras clave: Análisis del discurso. Instagram. Lectura.

Para começar

A leitura, embora tenha o seu local de prestígio na sociedade, muitas vezes é encarada como privilégio de uma classe específica e isso por uma série de razões, como a dificuldade de acesso aos livros, em seus formatos físicos ou digitais e o obstáculo, por parte do leitor, de encontrar um gênero literário que o agrade. A circulação da imagem de um leitor socialmente cristalizada em nosso imaginário, como alguém culto e que consome (apenas) a literatura do cânone, parece fazer com que outros propensos leitores imaginem não se enquadrar nesse padrão. Entretanto, uma vez que eles têm contato com outros que se encontram na mesma situação, esse imaginário começa a ser desconstruído, possibilitando a emergência de outros perfis de leitores. Como consideram Machado e Silveira (2020), uma tendência da literatura juvenil contemporânea é alterar exatamente essa percepção do leitor jovem: ao invés de estranho e solitário, é aquele que busca novas experiências e emoções, que se identifica cada vez mais com as transformações sofridas pelos livros, os quais se aproximam dos videogames, têm sua divulgação similar aos trailers cinematográficos e ganham cada vez mais novas adaptações em outros elementos culturais, como filmes e séries.

Não apenas a figura do leitor é muitas vezes cristalizada, mas também os sentidos, que são fixados por críticos que estipulam aquilo que é desejado (em uma noção de prestígio social) para a leitura de um livro. Como considera Orlandi (2012), o professor e professora, em seu exercício profissional em um viés tradicional, adota como modelo a leitura estabelecida não apenas pelo crítico, mas também aquela fornecida pelo livro didático, sendo ele a autoridade imediata para a leitura “correta” por parte dos alunos. É o mecanismo histórico da sedimentação de sentidos que propicia essa cristalização dos

sentidos, pois produz a institucionalização do sentido dominante que se segue à legitimação, fixando-o como central, oficial, literal.

É nesse momento que entram em evidência as relações de força existentes na sociedade, sendo, como considera a autora, o(s) sentido(s) determinado(s) pelas posições que os sujeitos ocupam e, mais do que isso, parte constitutiva do processo de significação, reflexos do jogo de poder da/na linguagem. Pensando sobre os propósitos ou objetivos das leituras, discute-se amplamente hoje que, para além de ser apenas uma forma de entretenimento, a leitura pode ser também um exercício de empatia, proporcionando ao sujeito leitor outras compreensões sobre si, os outros, o mundo. A leitura é um processo bastante complexo e que envolve muito mais do que habilidades que se resolvem no imediatismo da ação de ler, pois, conforme Orlandi (2000, p.11), “Saber ler é saber o que o texto diz e o que ele não diz, mas o que o constitui significativamente”.

A internet, atualmente, desempenha um papel de grande relevância nos processos de interação dos sujeitos com os outros, com a língua e com as práticas de leitura. É assim que as redes sociais, em especial a intitulada Instagram, podem funcionar como espaço digital de aproximação desses vários sujeitos em torno de uma perspectiva em comum. Com base em Pêcheux (1995), consideramos o sujeito como aquele indivíduo que é consequência do funcionamento da ideologia sobre si e que, por isso, está inserido em uma determinada formação social. Esse aspecto, por sua vez, é responsável por possibilitar a identificação desse sujeito com algum grupo social ligado aos mesmos fatores espaciais, históricos, geográficos ou culturais que agrupam indivíduos com as mesmas identificações. Visto que tal sensação de pertencimento se transforma em discursos, inclusive no meio digital, como o Instagram, não é possível pensar em um sujeito que esteja separado desse processo, uma vez que, como aponta Wanderley (2020), essa identificação à determinada formação discursiva (FD) é imprescindível para que o indivíduo se torne sujeito.

Como considera Indursky(2005), as formações discursivas não são homogêneas, mas sim heterogêneas e logicamente estáveis, e, por isso, amparada em Pêcheux (1995), há de se pensar em modalidades de tomada de posição, uma vez que é necessário pensar

em efeitos de fechamento das formações discursivas, e não em um fechamento exato. Se as ideologias se constroem a partir da relação entre sujeito, história e linguagem, elementos em constante transformação, e é difícil pensar em uma cristalização das ideologias, quanto mais o seria fazê-lo com as formações discursivas e os posicionamentos dos sujeitos.

A interpelação do indivíduo em sujeito está relacionada diretamente com as condições de produção no e pelo espaço digital que, mesmo com suas peculiaridades, mobiliza também os sujeitos e as ideologias, como forma de conectar e aproximar aqueles que se identificam com uma dada formação discursiva. Os discursos então produzidos nesse contexto se materializam principalmente nos posts do feed e nas outras discursividades do/no Instagram - que emergem IGTV's, Stories, Reels, entre outros. Uma vez interpelado pela ideologia, o sujeito passa a se individualizar e se posicionar na sociedade, o que acontece ao se identificar ou não com os conteúdos postados. Ainda assim, como analisam Grigoletto e Galli (2021), especialmente sobre a adesão ou não às hashtags, é válido pontuar que não necessariamente um grande número de curtidas e comentários é sinônimo de identificação, mas sim de um movimento de aderência, no qual

[...] vai se produzindo um efeito de esvaziamento dos sentidos pré-construídos, os quais poderiam dar sustentação às identificações ideológicas e à atualização da memória, fazendo com que o próprio movimento de (des)identificação dos sujeitos-usuário se torne difuso. (Grigoletto; Galli, 2021, p. 250).

Pensar, então, a tecnologia digital é, conforme aponta Dias (2018), pensar como tal significante funciona na sociedade contemporânea, tendo sempre em vista as relações construídas entre língua, sujeito e história. Para Orlandi (2001), os discursos pré-digitais são compostos em três momentos de produção (constituição, formulação e circulação), sendo que o digital, enquanto condição de produção do discurso, modifica a relação e ordem entre tais momentos, ao passo que é através da circulação que o discurso digital se constitui e se formula.

Assim, selecionamos os bookstagram, perfis do Instagram que compartilham suas leituras, por considerarmos que essa rede social está entre as cinco mais utilizadas no mundo, sendo uma das que mais é possível perceber como as relações entre leitores

e leitura são construídos. Como aponta Wanderley (2020, p.16), a internet é uma “[...] instituição social digital afetada pela ideologia [...]”, o que implica dizer que, a todo momento, discursos, especificamente sobre as práticas de leitura, são mobilizados. Filiamo-nos, portanto, à Análise do Discurso (AD) pecheuxtiana para entender de que maneira tal prática de linguagem é perpassada pela ideologia e como as concepções de leitura são discursivizadas nos ambientes digitais.

“Condenados a usar a linguagem para falar da linguagem”¹

Em um contexto no qual o formalismo e o estruturalismo, especialmente Saussure com seu Curso de Linguística Geral [1916], pensam a língua(gem) a partir de uma lógica positivista, é iconoclasta refletir de que maneira as “estruturas externas” poderiam também “interferir” nas “estruturas internas” dos sistemas linguísticos. É assim que Michel Pêcheux, com Análise Automática do Discurso [1969], instaura um novo panorama teórico, a Análise do Discurso, na qual ligam-se três áreas de estudos sociais, a Psicanálise, o Marxismo e a Linguística, a fim de analisar as relações construídas entre indivíduo, sociedade e língua(gem). Dessa forma, tornam-se caros à tal perspectiva alguns conceitos fundamentais: sujeito, ideologia e discurso.

O sujeito é aquele indivíduo sujeito à língua e à história já que, como Orlandi (1999) aponta, essa é a condição necessária para a fala, para a produção de sentidos. Mesmo ocupando esse espaço, o sujeito não tem acesso ao modo como o faz, uma vez que não é possível recuperar diretamente o interdiscurso que permeia esse locus. Isso tem relação direta com a ideologia, uma vez que “[...] não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (Orlandi, 1999, p.17).

A ideologia comparece, assim, como condição fundamental para as construções de sentido, no momento em que contribui também para os movimentos de

¹ O título que nomeia esse tópico é de Orlandi (2012).

interpretação, aspecto essencial para a metodologia da AD. É ao compreender as noções de sujeito e ideologia que conseguimos compreender a formação discursiva e o seu papel nas relações de sentido, uma vez que, em uma dada situação sócio-histórica, determina-se o que pode e deve ser dito. Do mesmo jeito que o conceito de sujeito, a FD não é algo possível de ser acessado externamente, e, como a ideologia, não é algo fixo e estagnado, mas que é composto por fronteiras fluidas, sempre em contínua modificação pelos interdiscursos, que, como Orlandi (2020, p.31) expõe, é “[...] todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos”, ou seja, trabalha com a resignificação do sujeito sobre o que já foi dito, o repetível, possibilitando os deslocamentos promovidos pelo sujeito nas fronteiras de uma FD, inscrevendo-se, portanto, no nível de constituição do discurso.

Considerando a emergência dos interdiscursos e, conseqüentemente, ideologias que permeiam não apenas as sociedades, mas as práticas de linguagem, é importante notar que existem relações de forças nesse processo. Tais relações são hierarquizadas e sustentadas com base nas diferentes formações discursivas, que impõe sobre outras as suas considerações. A noção de formação discursiva é compreendida como as condições sócio-históricas em uma dada conjuntura que determina o que pode e deve ser dito. Como Orlandi (1999) aborda, esse aspecto é essencial para a compreensão dos discursos, pois permite observar pelo menos três aspectos diferentes: o processo de produção de sentidos, a relação do discurso com a ideologia e a determinação de regularidades no funcionamento discursivo, o que é essencial para a análise.

É interessante destacar, também, que a relação sujeito-linguagem-mundo e tecnologia afeta a própria relação homem-máquina, já que, segundo Dias (2018), ao nascer, o próprio indivíduo já nasce afetado pela relação com a máquina. Com isso, o processo de interpelação do indivíduo em sujeito e o processo de individualização do sujeito, no qual ele passa a se identificar e se posicionar na sociedade e, conseqüentemente, a sua inscrição em determinadas formações discursivas, também são impactados, afinal, tais relações e produções de sentidos são resultado de processos históricos-discursivos complexos mediados pela linguagem e interpretação.

Ao nos alinharmos à AD, tomamos como pressuposto o fato de o discurso ser a prática da linguagem, ou, como Orlandi (1999) aborda, a palavra em movimento, o momento no qual é possível perceber o homem falar. É por isso que, para o recorte básico para tal perspectiva, abordamos os processos de constituição dos fenômenos linguísticos e não apenas o seu produto, o que nos faz levar em consideração as condições de produção do discurso em um contexto circunscrito a nossa época, grupo e experiência social. Ao considerar a linguagem como intermediação entre o indivíduo e a realidade natural e social, tal perspectiva filia-se também a uma concepção de língua que vai de encontro às concepções formais e estruturais de língua, já que entende

a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. [...] considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer (Orlandi, 1999, p.16).

Uma vez, então, que a sociedade e as condições de produção são consideradas nessa interação, passa-se a perceber de que maneira são construídas as relações entre língua-discurso-ideologia, ou seja, como e quais são as relações entre o sujeito e a ideologia e como elas perpassam os discursos. A linguagem passa a ser uma prática simbólica e transformadora.

Pensando nas práticas sociais que são construídas através da linguagem, focamos agora na leitura que, como expõe Orlandi (2012), pode ter várias acepções. A primeira delas e mais ampla é aquela compreendida como atribuição de sentidos, seja considerando as modalidades escrita ou falada da língua. A segunda, restrita ao acadêmico, é a “[...] construção de um aparato teórico e metodológico de aproximação de um texto [...]” (Orlandi 2012, p. 7), enquanto a terceira, ainda mais restrita e ligada ao contexto escolar, é aquela vinculada à alfabetização e com caráter de estrita aprendizagem formal.

Não apenas a concepção de leitura muda, mas também a relação entre sujeito e texto, que é localizada temporal e socialmente. É dessa forma então que passamos a considerar a leitura sob uma ótica discursiva, uma vez que esse processo acontece por meio de um jogo interacional que é produzido em condições sócio-históricas

determinadas e que devem ser levadas em consideração nas construções de sentidos. Esse jogo, como Orlandi (2012) aponta, é uma relação de confronto entre o leitor virtual, constituído no ato da escrita, o leitor real, aquele que lê o texto, o autor, outros textos, o seu referente e, por se dar entre sujeitos, são também relações sociais e históricas, porque mediadas pelos objetos. Assim, a leitura torna-se

[...] o momento crítico da produção da unidade textual, da sua realidade significativa. É nesse momento que os interlocutores se identificam como interlocutores e, ao fazê-lo, desencadeiam o processo de significação do texto. Leitura e sentido, ou melhor, sujeitos e sentidos se constituem simultaneamente, num mesmo processo (Orlandi, 2012, p. 11).

Com isso, deixa-se de acreditar em um autor onipotente, que controla todos os significados do texto, a transparência do texto, que já dá os sentidos apenas a serem descobertos e um leitor onisciente, que domina todas as determinações de sentidos que existem nos processos de leitura. Ao contrário, torna-se fundamental refletir sobre os seguintes aspectos: a leitura enquanto processo de produção de sentidos; a especificidade e história do sujeito-leitor; a determinação histórica e ideológica dos sujeitos e dos sentidos; os múltiplos e variados modos de leitura e a noção de que nossa vida intelectual é diretamente relacionada com os modos e efeitos de leitura de cada época e segmento social.

Dessa forma, se a leitura é produzida em um contexto sócio-histórico que deve ser considerado, é importante considerar que o leitor, enquanto participante do processo de produção de sentidos, não é a origem do discurso, mas sim da unidade e coerência, ao assumir a sua função e posição social. Observamos isso ao considerar as três relações do sujeito com a significação: o inteligível, atribuição de sentidos equivalente à codificação; o interpretável: atribuição de sentidos levando em consideração o contexto linguístico, relacionado à coesão; e, o compreensível: atribuição de sentidos considerando o processo de significação no contexto de situação, relacionado à enunciação. Assim, se um sujeito atua como um intérprete, ele reflete sua posição de leitor, apenas reproduzindo o que já está produzido, ao passo que, se ele é capaz de desconstruir a relação enunciação-enunciado/ formulação-constituição do sentido e se relacionar criticamente com a cultura, a história, o social e a linguagem, ele

chega à compreensão. Como Orlandi (2012, p. 157) considera: “O sujeito que produz uma leitura a partir de sua posição interpreta. O sujeito-leitor que se relaciona criticamente com sua posição, que a problematiza, explicitando as condições de produção da sua leitura, compreende”.

Organizar para analisar

Como Orlandi (1999, p. 27) aponta, “[...] a pergunta é de responsabilidade do pesquisador, é essa responsabilidade que organiza sua relação com o discurso, levando-o à construção de ‘seu’ dispositivo analítico [...]”. Por isso, ao propormos uma pesquisa de descrição e análise de discursos selecionados de perfis de uma rede social (o Instagram), nos baseamos em uma metodologia qualitativa e interpretativa.

Dessa forma, houve uma série de etapas que precisaram ser executadas para responder aos nossos questionamentos, desde a escolha das perguntas, os objetivos até a metodologia de pesquisa. A execução da pesquisa implicou, então, em uma série de atividades conectadas entre si. Como primeira delas, foi preciso levantar a teoria relacionada aos objetivos propostos, a seguir, iniciar leituras teóricas e produzir fichamentos e resenhas sobre o material lido. Esses arquivos facilitaram o momento posterior de análise das materialidades selecionadas.

Concomitantemente à fundamentação teórica, iniciamos a seleção dos *corpora* de análise. Para selecionar o perfil do Instagram para análise, consultamos a lista dos parceiros selecionados da Editora Intrínseca de 2023. Esses parceiros são produtores de conteúdo que recebem da editora os novos lançamentos e fazem resenhas desses livros em várias plataformas, como TikTok, Instagram e Youtube, além de participarem de eventos da empresa, com o objetivo de divulgar as novidades da editora para seus seguidores. Selecionamos esse método de busca por conter muitos perfis do Instagram de bookstagrans, páginas que mais contemplavam os nossos objetivos, uma vez que a busca livre pelo feed não havia sido muito produtiva, já que ao fazer a busca por perfis

ou hashtags, utilizando palavras chaves como “bookstagram”, “leitura”, “livros”, encontramos perfis que não postavam há muito tempo ou não condiziam com os nossos objetivos. É interessante destacar que, inicialmente, seriam apenas 100 perfis selecionados para serem parceiros da Editora, mas, após receber críticas sobre a falta de diversidade racial na seleção, a empresa reviu a lista inicial e contou com um total de 130 parceiros, dos quais 45% são criadores não brancos.

Foi a partir dessa listagem final que selecionamos o perfil para análise, seguindo alguns critérios: (i) ser, obrigatoriamente, uma página aberta no Instagram; (ii): preferencialmente, ser um perfil que indicasse gêneros literários variados; (iii) preferencialmente, ser um perfil que postasse as resenhas das obras lidas e (iv) a última publicação ter data de, no mínimo, uma semana, a fim de evitar que trabalhássemos com perfis que estivessem parados ou não fossem muito frequentes em suas publicações. Uma vez selecionado o perfil, estabelecemos os seguintes critérios para a seleção das materialidades a serem analisadas: (i) serem postagens do feed, pois eles costumam ter uma permanência maior na página do que os stories, que duram apenas 24 horas, se não forem fixados em um destaque e (ii) tematizarem sobre a leitura de livros literários em seu conteúdo, alinhando-se aos objetivos do trabalho.

Tais critérios foram elencados por se adequarem aos nossos objetivos específicos de investigar as discursividades e noções de leitura que circulam nesse ambiente. Com isso, nossas análises foram encaminhadas a partir dos posts do bookstagram @litomandocha, o que se justifica por Wanessa ser estudante de Letras- Francês na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mobilizar o perfil de uma pessoa que trabalha e estuda a nossa língua foi nossa proposta, não apenas por atender aos critérios e objetivos específicos da pesquisa, mas também para refletir se a abordagem sobre leitura tem relações de aproximação e/ou distanciamento no que se refere a privilegiar os clássicos.

Como expõe Orlandi (2012), nossos recortes são textos a partir do momento que funcionam como nossas unidades de análise, mas não como unidades de construção do discurso, uma vez que esses elementos são os discursos. De acordo com Pêcheux (1969), precisamos considerar o texto como discurso enquanto parte de um processo discursivo,

no qual podemos observar os efeitos de sentidos entre os locutores e as diferentes posições do sujeito. A AD, por ser uma teoria de interpretação, propõe uma problematização com o texto e com as condições de produção e mecanismos de produção de sentidos que funcionam em dada época.

Uma vez que nosso material de análise é recortado de uma rede social, é importante também compreender como a internet é um espaço de circulação de discursos que contam com suas especificidades próprias. Conforme aborda Dias (2008), os discursos são construídos “pelo” digital e não “no” digital, e, por isso as relações de sentido são diretamente determinadas por esse espaço. Assim, cabe analisar como as relações e as práticas de leitura também são modificadas nessa interação digital.

A leitura no Instagram: momentos de análise

Como expõe Bittencourt (2017), as redes sociais não foram criadas com o surgimento da internet, nos idos de 1960, mas sim desde que os seres humanos começaram a conviver em sociedade. O que aconteceu foi que, especialmente a partir de 2008, com a popularização da internet e desenvolvimento das tecnologias digitais, “[...] essas redes sociais passassem a ser reproduzidas no meio digital, e, por conseguinte, ampliadas. O acesso foi facilitado com a praticidade que os aplicativos de redes e mídias sociais trouxeram [...]” (Bittencourt, 2017, p. 15).

É com tantas possibilidades de comunicação que os bookstagramns surgem no Instagram como um perfil que tem o objetivo de promover a(s) leitura(s), incentivando e estimulando novos leitores. Normalmente criados por apenas uma pessoa, esses perfis comentam e divulgam as leituras realizadas, normalmente com uma curta resenha postada na legenda da foto que, geralmente, é a foto do livro lido. Mas, ainda que sejam conduzidos por apenas um internauta, isso não exclui o fato de, como considera Catanho (2020, p. 31), “[...] transformar a leitura de uma atividade amplamente individual para uma atividade essencialmente social [...]”, uma vez que tais leituras são compartilhadas

com toda uma comunidade de outros leitores online. Consideramos que tal compartilhamento aproxima-se mais de uma opinião coloquial que crítica formal e especializada, ainda que existam aqueles perfis que tenham um foco mais tradicional e acadêmico. Seja como for, essas trocas de sugestões de leituras e livros atingem um público numeroso que, mesmo geograficamente separado, compartilha e potencializa seus interesses, como Machado e Silveira (2020) apontam.

Considerando que grande parte dos usuários do Instagram é jovem, seja produtor de conteúdo ou leitor, o compartilhamento das leituras na plataforma é uma forma não apenas de achar um gênero literário que mais aprecie, mas também de se identificar com aqueles leitores mais próximos à sua realidade. Como Catanho (2020) discute, esses espaços digitais são verdadeiros locais de embate entre o que as gerações mais antigas acreditam ser o “padrão” de leitura com as práticas de leitura das gerações mais novas.

Mais do que isso, os bookstagramans também vem modificando a forma como, especialmente a ficção, é comercializada, lida e criticada, algo que vem chamando a atenção das editoras, não apenas como uma estratégia de marketing na divulgação de livros, mas também como forma de prospecção de uma expressiva “fatia do mercado” de potenciais clientes que pouco consumiria seus produtos se não fossem por esses perfis. Dessa forma, as próprias editoras promovem parcerias com os bookstagramers para divulgar determinado lançamento e promover ações e eventos culturais do/ no mercado editorial, através de algumas estratégias específicas, como expõe Catanho (2020): Advanced Review Copy, livros que ainda não foram lançados e que os bookstagramers lerão em primeira mão; partnerships de publicidade, no qual o lançamento mais recente da editora é publicado no perfil do bookstagram, incentivando a compra e leitura do texto; links filiados, pelos quais o seguidor recebe um desconto na compra de um livro por meio do link indicado pelo bookstagramer, que recebe uma porcentagem do valor da compra e os giveaways, sorteios em parceria com a editora, sendo que a responsabilidade dos processos de divulgação, seleção e entrega é totalmente do perfil.

Processos de identificação e a lógica capitalista em “Li Tomando Chá”

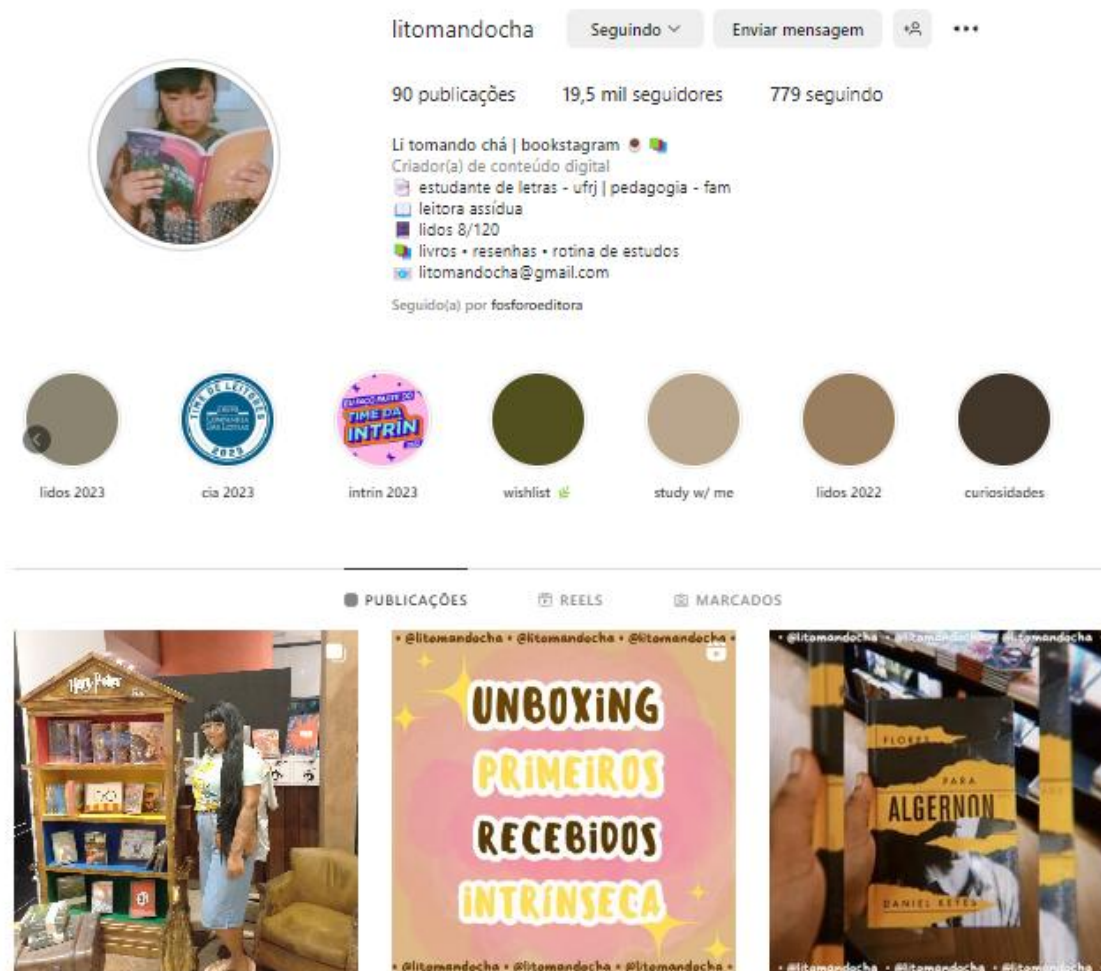
Avançamos agora para a descrição do perfil analisado, @litomandocha. Esse perfil é administrado pela Wanessa, estudante de Letras - Francês da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e de Pedagogia da Faculdade das Américas (FAM). A administradora inicia sua bio informando a sua meta de leitura anual, a quantidade de livros lidos até então, o que mais posta em seu feed e seu e-mail de contato. O próprio nome de usuário, “Li Tomando Chá”, já nos remete a um imaginário de leitura: um momento bucólico, ideal para a leitura, no qual o leitor pode, acompanhado por uma xícara de chá, (re)entrar na narrativa que está à sua frente. Essa romantização do momento da leitura nos remete a um ritual que atravessa os sujeitos que praticam e aproveitam esse momento de lazer e fruição.

Porém, contrastando com esse imaginário, observamos a questão da quantificação, exposta também na bio no recorte realizado em março de 2023, e interessa-nos pensar nos efeitos de sentido construídos sobre a leitura: será que é uma leitura que se aproxima de um momento de fruição ou meramente um “trabalho”, no qual é necessário cumprir com as metas estabelecidas, sob o risco de sofrer alguma advertência? Será que a exigência de ser parceira de uma grande empresa do mercado editorial brasileiro contribui para isso? Será que isso também não pode funcionar como uma estratégia de atrair mais seguidores, visto que a sua grande quantidade de livros lidos lhe garante uma chancela de leitora proficiente e que, conseqüentemente, pode estimular o mesmo em seus seguidores? Não seria isso uma evidência, mais uma vez, da lógica capitalista que promove a celeridade no contato com a leitura, aproximando-a de uma mera atividade laboral e não como atividade e prática social e humana de nos conectar com outras realidades e possibilidades de existência?

Se não contraditória, parece-nos intrigante essa menção da quantidade de livros a serem lidos, especialmente pelo fato de a bookstagramer ser uma estudante do curso de Letras, ou seja, alguém que muito possivelmente tem acesso às discussões teóricas sobre as relações e práticas de leitura dentro da academia o que, conforme discutimos

anteriormente, tende a se afastar de uma concepção tecnicista e utilitária, priorizando muito mais a reflexão e fruição, independentemente da quantidade, mas sim dos efeitos de sentido construídos a cada leitura.

Figura 1:- Print do perfil antigo de “Li tomando chá”

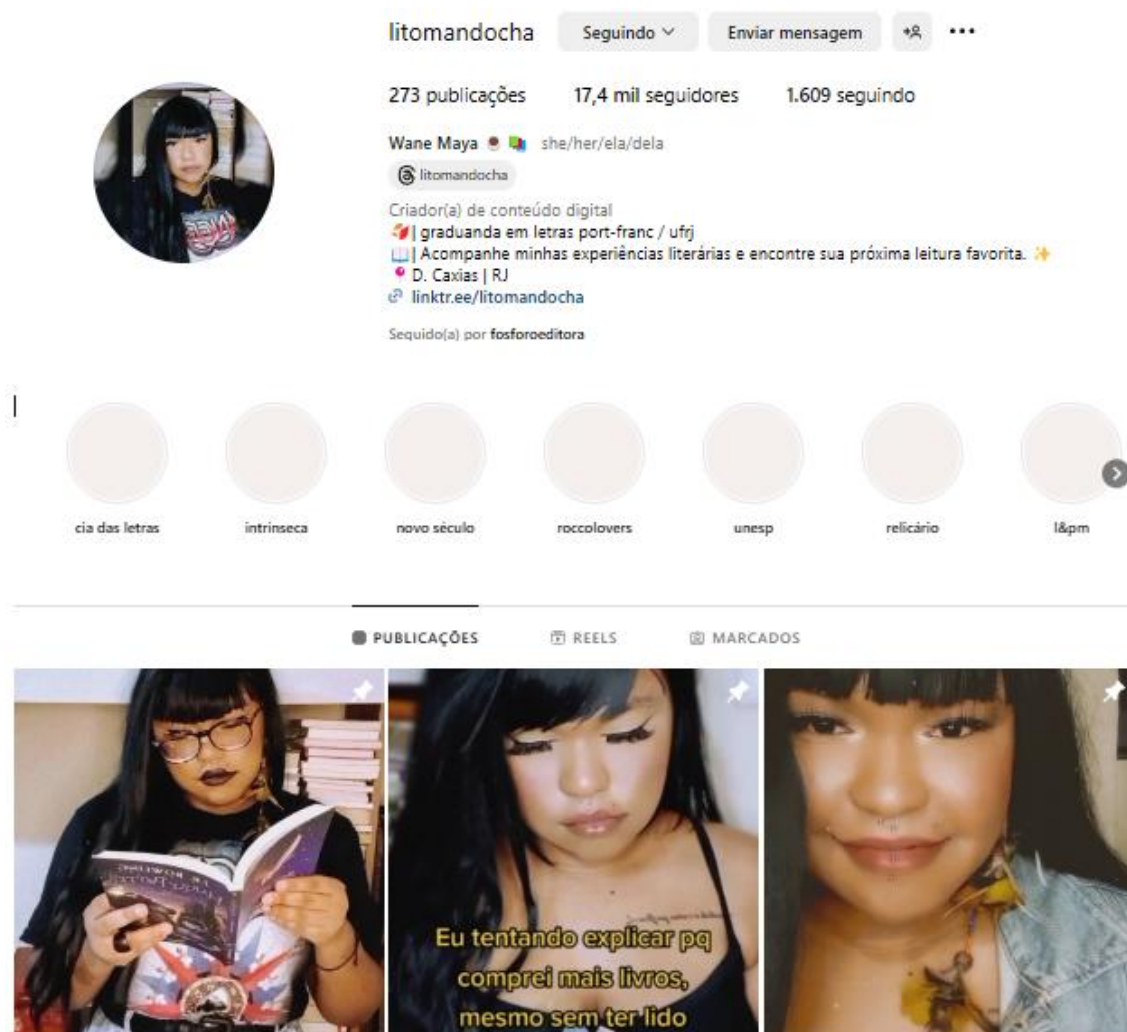


Fonte: <https://www.instagram.com/litomandocha/>. Acesso em 25 ago. 2025.

Porém, em análises mais recentes do perfil, realizadas em novembro de 2024, notamos que as informações da *bio* foram alteradas, como apresenta a Figura 02, sendo retirada a informação de quantos livros foram lidos até o momento ou qual era a sua meta de leitura mensal ou anual, o que também não consta em nenhuma postagem ou destaque. Tal mudança nos promove a reflexão do porquê: uma vez que o perfil vem crescendo e alcançando mais seguidores e editoras parceiras, será que o número de

leituras como meta deixou de ser um alvo, dada a grande quantidade de livros recebidos/adquiridos? Será que a mudança na posição sujeito da responsável pelo perfil também impactou em sua concepção de leitura, sendo mais significativa as relações e sentidos construídos com/pela leitura do que a quantidade?

Figura 2:- Print do perfil recente de “Li tomando chá”



Fonte: <https://www.instagram.com/litomandocha/>. Acesso em 25 ago.2025.

Ademais, pudemos perceber uma maior variedade nos estilos de postagens e na organização dos destaques. Em relação aos últimos, observamos algumas categorias: leituras de 2022 e 2023, registros com editoras parceiras (Intrínseca e Companhia das Letras), sua lista de desejos de livros, rotina de estudos e curiosidade sobre ela. Já no

feed, notamos os seguintes padrões de postagens: posts com a leitura atual; resenha do livro lido; indicações temáticas de leitura (sobre a educação, sobre o dia da consciência indígena, de autoras feministas) e postagens diversas (fotos de passeios em bibliotecas, dicas sobre leitura, unboxing, e book haul). Conseguimos perceber uma linearidade maior tanto nos modos de construção dos posts quanto nos conteúdos, sendo que desde o provável início do perfil em junho de 2020, ela abordava literatura juvenil contemporânea, também com foco nas produções de língua inglesa.

A continuidade do perfil nos indica um planejamento de estratégia já estabelecido pela bookstagrammer, uma vez que a beleza da composição das imagens no feed e a relativa manutenção das temáticas a serem abordadas parecem ser fundamentais para manter os seguidores, considerando que chegam e permanecem por se identificarem com os assuntos abordados. Wanessa já se propunha a discutir a leitura de vários temas e causas sociais: indígenas, feministas, educativos, entre outros. Refletimos sobre um desses temas a partir da materialidade a seguir.

Figura 3: Print da indicação de “Até logo, Violeta”



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CnnA16vvZfx/>. Acesso em: 25 ago.2025.

Ainda que o post da Figura 03 seja uma indicação de leitura e não uma resenha, dois aspectos nos chamaram a atenção: os motivos pelo qual ler o livro e o formato em que o livro foi lido. Sobre o primeiro, observamos que a temática envolve aspectos sobre identidade e orientação sexual, especialmente ao focar no protagonismo não-binário, ou seja, a protagonista não se reconhece ou transita entre os dois gêneros e é um romance sáfico, um relacionamento amoroso entre duas mulheres que não necessariamente são lésbicas. Essa temática envolve discussões sobre o(s) movimento(s) LGBTQIA+, cada vez mais discutidos pela sociedade e pelos jovens, em particular e, mesmo que o leitor não participe do movimento, tem a possibilidade de se solidarizar com ele a partir de uma narrativa ficcional.

Nesse sentido, a leitura deixa de ser uma mera codificação, mas, relacionada ao contexto histórico e social atual, possibilita que conheçamos realidades que não necessariamente são as nossas, tornando-se, então, uma prática social e, se o leitor se solidariza com as dificuldades enfrentadas pela personagem pela falta de aceitação de suas identidades e orientações sexuais, também um exercício de empatia.

As temáticas abordadas na narrativa, mais inclusivas e atentas aos discursos sobre orientação e identidade sexual, ganham ainda mais visibilidade e espaço para discussão e troca. As redes sociais digitais ampliam esses espaços para trazer à tona tais temáticas, considerando especialmente a grande circulação e alcance das postagens no Instagram, através do rápido e fácil compartilhamento, algo que não aconteceria da mesma maneira se o livro fosse exposto em uma prateleira de uma livraria, por exemplo. Ainda que na postagem percebamos que os comentários são de apoio e interesse pelo tema, é importante destacar que o acesso às temáticas e aos seus debates não é garantia da identificação do leitor com tais causas sociais, ou seja, os movimentos de desidentificação e/ou contraidentificação são movimentos possíveis.

As hashtags, por exemplo, são elementos fundamentais na análise discursiva para compreender como podem agregar discursos que circulam nas mídias sociais digitais, funcionando também como uma amostra de tomada de posição e como potencializadoras e impulsionadoras de discursos e ideologias, como considera Santana (2023). Exemplo disso é a “#representatividadeimporta”, hashtag presente na postagem,

que marca a importância, para a bookstagrammer, de que obras com temáticas sobre as causas LGBTQIA+ sejam lidas, afinal, são causas que existem e devem estar presentes na sociedade.

Um dos comentários feitos nesta postagem pelo perfil “@filmserieselivros” contribuiu para nossas considerações, ao dizer que: “Fiquei curiosa, ainda não li nenhum livro com personagens não binário e com romance sáfico.”, ou seja, foi através da indicação de leitura feita pelo perfil que outra seguidora pôde ter acesso a uma leitura com temas que até então não tinha tido contato. A interpelação ideológica dos sujeitos é fundamental para compreendermos como os processos de identificação afetam e são afetados pelas posições-sujeito, e como a leitura é fundamental nesse processo de identificação com debates e causas sociais que, se a princípio são rechaçadas e discriminadas, podem funcionar como importante debate político de representatividade de minorias.

Isso corrobora com as clássicas, mas sempre assertivas, considerações de Candido (2011) de que a literatura – o sonho acordado das civilizações – é fundamental para nossa humanização, fundamental para o equilíbrio social. Essa literatura, se evidência também da complexidade humana, é essencial para a sociedade não ao oferecer as respostas, mas sim ao suscitar as perguntas e dar a conhecer as realidades que não são minhas. De acordo com Eco (2003), a boa literatura é mimética tal qual as incertezas da vida e a certeza da mudança. O livro indicado pelo perfil, por exemplo, também indica a leitura ao tematizar “as segundas chances que, raramente, o tempo nos dá”, o que indica a complexidade da vida mediante às mudanças.

O segundo aspecto que nos chama a atenção é a utilização do e-book para a leitura do livro, utilizando como suporte o Kindle, e-reader criado pela empresa norte-americana Amazon e que possibilita a leitura portátil de vários formatos de textos, como e-pub, pdf, entre outros. Se no início do surgimento desses novos equipamentos muito temeu-se pelo desaparecimento dos livros físicos, hoje esse medo já não é realista, considerando que versões físicas e digitais continuam circulando entre nós, mas, dessa vez, com a facilidade e praticidade de carregar na palma da sua mão, em um aparelho pequeno e fácil de utilizar e transportar, milhares de livros, algo que não seria possível

sem tais aparatos tecnológicos. Vale salientar que, ainda que seja uma possibilidade, os e-readers ainda não são acessíveis para a grande maioria das pessoas, considerando o alto custo não apenas do produto, mas também dos ebooks.

Esses novos formatos de livros também evidenciam as relações entre sujeito-linguagem-mundo e também transformam as práticas de leitura, pois, se com um livro físico a linearidade era uma obrigação, hoje em dia o mesmo não acontece, sendo possível que o leitor, ao clicar na palavra, tenha acesso à tradução dela ou a outras informações que ampliam o horizonte em relação à palavra e à história (como costuma acontecer nas notas explicativas).

Tal discussão entra em consonância com as reflexões de Galli (2012) sobre a leitura na contemporaneidade. Ainda que aqui abordemos um aparelho específico para a leitura, Kindle, e a autora baseie sua pesquisa em suportes tecnológicos digitais, como internet e celular de maneira mais ampla, é interessante refletir se e como as práticas de leitura se mantêm ou se modificam, assim como a identidade do leitor.

Numa mistura de procedimentos distintos e possíveis, tanto no texto-papel quanto no texto-tela - ler, procurar, selecionar, pesquisar, passear, pular -, o mesmo e o diferente parecem se mesclar, transformando a ação de percorrer com a vista (ler), a vontade de encontrar algo (procurar, pesquisar), de escolher (selecionar), com a ação de entreter-se (passear - uma leitura aleatória, sem compromisso, sem objetivos) (Galli, p. 185, 2012).

Não é nosso papel aqui valorar as experiências construídas entre leitores e suas formas de leituras, mas sim atestar que essa é uma realidade conhecida e acessada pelos jovens. Como consideram Machado e Silveira (2020), compreender as práticas de leitura de um determinado contexto é entender as relações que existem entre os sujeitos que participam de uma sociedade, como leitores, autores e os mercados editoriais e culturais, cada um com suas complexidades e especificidades.

Figura 4: Print da postagem “Termos/ gírias literária”



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Cjnk4wQrqMq/>. Acesso em: 25 ago.2025.

A postagem da Figura 04 pode ser comparada a um glossário de termos literários, no qual a Wanessa apresenta algumas palavras e expressões muito utilizadas nos bookstagram, que, como a própria legenda explica, remetem às várias situações dentro da literatura, além de serem, majoritariamente, termos em inglês, uma vez que são criados em outros países e passam a ser utilizados no Brasil. A postagem apresenta alguns, como: *quote*, *ressaca literária*, *sentada*, *ship*, *spin off*, *spoiler*, *prequel*, *crossover*, *companion*, *to be read (TBR)*, *wishlist*, *leitura coletiva/ conjunta (LC)*, *sprint*, *plot twist*, *bookstan*, *unboxing*, *book haul*, *bookshelf tour*, *fanfic* e *one true paring (OTP)*.

A explicação de tais termos, em algo muito parecido a uma coleção de vocábulos, evidencia o quão particulares são as relações entre os leitores que circulam nas redes sociais, visto que há uma série de palavras compartilhadas e utilizadas por um público leitor que difere da imagem do leitor solitário e recluso. Não são apenas palavras compartilhadas, mas principalmente uma identificação com outros sujeitos leitores com interesses e hábitos semelhantes, uma vez que os termos explicados na postagem não

dizem respeito apenas a subgêneros literários específicos, como *spin off*, *prequel*, *fanfic* ou *crossover*, mas também a uma rotina ou hábitos de leitura específicos e influenciados diretamente pelas tecnologias digitais, como *book haul*, *unboxing* e *sprint*.

Evidência disso são os vários comentários presentes da postagem acima, nos quais muitos usuários comentam que não conheciam essas palavras ao entrar para o “mundo do bookstagram”, mas que teria sido muito importante se conhecessem antes. Isso evidencia de que forma a leitura, em uma perspectiva discursiva, é a constante produção de sentidos, o que envolve também não apenas os aspectos literários, pois mais do que apenas decodificar frases e palavras de determinada obra, é fundamental que o leitor também seja capaz de se integrar e participar da comunidade para que possa discutir a leitura com seus pares.

Ainda assim, outro aspecto que nos chama atenção são os termos relacionados à posse de livros, como “wishlist” (lista de desejos de livros a serem comprados), “unboxing” (ato de retirar os livros comprados ou recebidos da caixa), “book haul” (apresentação dos livros comprados ou recebidos) e “bookshelf tour” (apresentação dos livros que a pessoa tem e como os organiza na prateleira), retomando-nos à lógica do capital, que também estabelece relações comerciais com a leitura. Considerando que essas palavras são frequentemente utilizadas pela comunidade de bookstagrammers e que algumas dessas práticas são muito comuns no perfil analisado, como o “unboxing” e o “book haul”, cabe a reflexão: afinal, a leitura é importante para que sentidos sejam construídos e relações sejam estabelecidas entre a narrativa e realidade ou a leitura é mero pretexto para a posse e exibição do “objeto material” livro?

Além disso, a própria noção de leitura como atividade prazerosa e não como “meta” é colocada em xeque quando observamos os conceitos de “sentada” (o livro ser lido de maneira rápida) e “sprint” (tempo dedicado apenas para a leitura), especialmente este último, que se origina do Scrum, metodologia que visa à agilidade e gerenciamento de tarefas. O que é uma “leitura rápida”? Por que ela deveria ser rápida? Será que não há nenhum prejuízo nas construções de sentido realizadas dessa maneira? Por que tentar tornar mais ágil uma atividade tão complexa quanto a leitura que deveria ter seu momento de pausa e reflexão?

Novamente, entram em jogo as próprias identificações que a bookstagrammer busca construir com seus seguidores, no intuito de atraí-los e mantê-los, dessa vez através de palavras em comum que circulam na comunidade de leitores nos espaços digitais, mas que também deixam entrever o quão enraizadas estão as práticas capitalistas de consumo relacionadas à leitura.

Para tentar concluir

Este trabalho analisou materialidades de um perfil do Instagram conhecido como bookstagram, que tem o objetivo de compartilhar e divulgar as leituras realizadas, além de abordar outros conteúdos relacionados a livros e leitura. Por funcionar em uma rede social, observamos condições de produção dos discursos bastante específicas aos ambientes digitais, nos quais é possível analisar de que forma se relacionam os conceitos teóricos da análise do discurso francesa. Ao pensar a leitura sob uma perspectiva discursiva, buscamos analisar como tal noção funciona nesse espaço, uma vez que a bookstagrammer é um indivíduo interpelado de maneiras distintas pela ideologia em condições de produção distintas.

No perfil “Li Tomando Chá”, percebemos uma variedade maior de temáticas abordadas, mais inclusivas e menos clássicas, como as causas LGBTQIA+, promovendo uma identificação maior com causas sociais que ganham ainda mais amplitude de discussão nas redes sociais. Ainda assim, foi possível analisar que, em determinados aspectos, a noção de leitura que é discursivizada no referido perfil deixa entrever uma lógica capitalista que associa a leitura ao consumo de livros e a uma leitura rápida e ágil, bem aos moldes das exigências do mercado.

Dessa forma, compreendemos como as noções de leitura estão diretamente relacionadas à interpelação ideológica do sujeito e construídas em contextos sócio-históricos específicos, diretamente ligadas às novas tecnologias aos quais os leitores têm

acesso, pois também afetam e são afetados pelas relações entre sujeito, língua e história, funcionando de maneira específica em cada contexto de produção do perfil selecionado.

Assim, cabe ao professor, em sua prática docente, buscar expandir os horizontes de leitura aos seus alunos, apresentando-lhes e incentivando não apenas a leitura e contato com os livros pertencentes ao cânone, mas também de livros próximos às realidades dos discentes, seja pelos temas e abordagens, seja pelas várias formas de ler, como as versões digitais ou físicas da obra. É fundamental não haver valoração da leitura em sala de aula, ou seja, não superestimar determinada leitura ou estratégia/forma de ler em detrimento de outra, pois são várias as razões e as formas pelas quais ler.

Referências

- BITTENCOURT, P. P. **Bookstagrammers e sua influência no consumo de livros e objetos literários**. 2017. 66 f. Monografia. (Comunicação Social- Produção Editorial). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2017.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.
- CATANHO, C. **Bookstagram: uma nova forma de cativar leitores: os casos dos Estados Unidos da América e Portugal**. 2020. 118 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Documentação e Informação). Universidade de Lisboa, Lisboa, 2020. Disponível em <http://hdl.handle.net/10451/44139>. Acesso em: 06 mar 2023.
- DIAS, C. **Análise do discurso digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas: Pontes Editores, 2018.
- DIAS, C. Sujeito Digital: sentidos de um novo paradigma. In: GUIMARÃES, E. (Org.). **Cidade, Linguagem e Tecnologia: 20 anos de história**. 1ed. Campinas: Labeurb, 2013, v. 1, p. 44-64.
- ECO, U. Sobre algumas funções da literatura. In: ECO, U. **Sobre a literatura**. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 9-21.
- GALLI, F. C. S. Discursos sobre a leitura na contemporaneidade: entre o texto-papel e o texto-tela. **Trabalhos de Linguística Aplicada**, Campinas, v. 51, n. 1, p. 175-192, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-18132012000100009>. Acesso em: 21 mar. 2023.

GRIGOLETTO, E.; GALLI, F.C.S. O funcionamento discursivo das hashtags: processo de (des)identificação ou aderência? *In*: GRIGOLETTO, E.; NARDI, F. S.; SOBRINHO, H. F. S. (orgs). **Ousar se revoltar**: Michel Pêcheux e a análise do discurso no Brasil. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021, p. 235-252.

INDURSKY, F. Formação discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela?, 2005. INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**. 5. ed. 2019. Disponível em: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>. Acesso em: 21 fev. 2023.

MACHADO, P. A.; SILVEIRA, R. M. H. Novas práticas juvenis de leitura- cultura digital e formas de apropriação. **Interdisciplinar**, São Cristóvão, v. 33, p. 48-67, jan-jun. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.47250/intrell.v33i1.14176>. Acesso em: 06 mar. 2023.

ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, E. **Discurso e leitura**. Campinas: Cortez; Editora da Unicamp, 2000.

ORLANDI, E. **Interpretação**: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

PÊCHEUX, M. **Discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1983.

PÊCHEUX, M. **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: Uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, M. Papel da Memória. *In*: ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015. p. 43-52.

SANTANA, M. M. S. **Ousar se revoltar**: gestos de resistência de mulheres negras ao discurso racista no Instagram. 2023. 96 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Linguística). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2023.

Recebido em 25/08/2025.

Aprovado em 20/11/2025.